



PROJETO EXEMPLAR  
**Negócio  
de próteas  
ganha escala  
nas Cinco  
Ribeiras**

página 06



CARNE  
**Núcleo de  
Criadores  
age num  
mercado  
em expansão**

página 03



**GRATER** – ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

# OLHAR O MUNDO RURAL

N.º 64 . fevereiro/2026 • [grater@grater.pt](mailto:grater@grater.pt) • [www.grater.pt](http://www.grater.pt) • [www.facebook.com/grater.pt](https://www.facebook.com/grater.pt) • distribuição gratuita

ESTE SUPLEMENTO INTEGRA O JORNAL DIÁRIO INSULAR E NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE



**PAULA SOUSA, PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA GRATER**

## **DESENVOLVIMENTO NÃO SE FAZ SEM OS AGENTES LOCAIS**

Num momento em que a União Europeia desloca prioridades para a Segurança e Defesa, Paula Sousa, presidente da GRATER, alerta para o impacto que eventuais cortes nos fundos comunitários podem ter nos territórios rurais e defende o papel decisivo dos agentes locais. páginas 04 e 05







**PAULA SOUSA**  
Presidente do Conselho de  
Administração da GRATER

## EDITORIAL

# Valorizar a nossa Economia e a nossa Ruralidade

A GRATER tem sido e continuará a ser parceira estratégica na valorização do espaço rural, na preservação da identidade dos territórios e na dinamização dos negócios locais. É uma estratégia com frutos reconhecidos, que é fundamental continuar a dinamizar, implementar e valorizar.

É esse o compromisso do conselho de administração eleito para o biênio 2026-2027.

A tomada de posse ocorreu no final de 2025. Para este biênio, o conselho de administração da GRATER é constituído pela Câmara Municipal da Praia da Vitória (Paula Sousa, Presidente), pela Câmara Municipal de Angra do Heroísmo (Fátima Amorim, Vice-presidente), pela Câmara do Comércio e Indústria de Angra do Heroísmo (Tiago Ormonde, Vice-Presidente), pela Associação de Jovens Agricultores Terceirenses (Diego Aguiar, Tesoureiro) e pela Bioazórica (Mónica Rocha, Secretária).

A continuidade, com renovado empenho na defesa das ilhas Terceira e Graciosa, será o vetor central da atuação nestes dois anos.

Pretendemos continuar os projetos em curso; promover o desenvolvimento rural; reforçar os apoios às micro e pequenas empresas locais; e valorizar e incrementar os projetos de cooperação externa, estratégicos para os nossos territórios.

Estas ilhas, com as suas paisagens únicas e tradições enraizadas, oferecem um potencial imenso para o desenvolvimento sustentável, preservando ao mesmo tempo o seu carácter distintivo e autêntico.

Ambas as ilhas, com a sua diversidade de paisagens, desde os campos agrícolas até às montanhas e zonas costeiras, têm um valor enorme em termos de património natural e cultural.

As suas áreas rurais são fundamentais para a produção agrícola, destacando-se na produção de leite (e derivados) e carne, produtos emblemáticos da economia local.

Além disso, a viticultura tem vindo a ganhar cada vez mais importância, com a produção de vinho de qualidade, que reflete as características geográficas e climáticas destas ilhas. Bastará vermos a Expo Atlantic Terroir para percebermos o atual fulgor do setor.

Os negócios locais são centrais à pujança da nossa economia. A GRATER é, e continuará a ser, parceira para a sua dinamização e inovação.

Valorizar o nosso território é, portanto, garantir a continuidade de uma tradição agrícola que já dura séculos, enquanto se promove um turismo sustentável, que beneficia das paisagens naturais, das atividades agrícolas e dos saberes locais.

Quando mais valor tiverem os nossos territórios – no sentido da sua rentabilização sustentável para as populações, através da qual os mesmos sejam espaços de vida e atratividade comunitária, empresarial e cultural – mais futuro terão as nossas ilhas.

No entanto, é fundamental que o desenvolvimento destes territórios seja equilibrado, garantindo que a modernização e a inovação não coloquem em risco o legado cultural e ambiental que os caracteriza.

É este o meu compromisso e do atual conselho de administração.

# OPINIÃO

## RUP: A união faz a força



**ARLENE GOULART**  
Coordenadora da ADELIAÇOR

*“Se esperarmos por decisores políticos, será tarde demais. Se agirmos de forma individual, será muito pouco. Mas se agirmos em comunidade, talvez seja a tempo e suficiente.”*

Regiões Ultraperiféricas da União Europeia: Açores, Madeira, Canárias, Guadalupe, Saint-Martin, Martinica, Reunião, Maiote e Guiana. Oito arquipélagos e uma região na América do Sul, localizados no Oceano Atlântico, Oceano Índico e Mar das Caraíbas. Português, espanhol e francês como línguas oficiais. Territórios distantes, que partilham barreiras naturais, geográficas, demográficas, infraestruturais e a Abordagem LEADER (Ligação Entre Ações de Desenvolvimento da Economia Rural).

As Regiões Ultraperiféricas (RUP) beneficiam de medidas específicas de apoio da União Europeia, ao abrigo dos artigos 349º e 355º do Tratado de Funcionamento da União Europeia, assentes numa lógica de coesão, subsidiariedade, cooperação e parceria estratégica reforçada. Face aos sérios desafios de desenvolvimento integrado resultantes das suas posições geoestratégicas, dimensões reduzidas, condições climáticas vulneráveis e insularidade, associados às especificidades sociais, económicas e culturais destes territórios, serão as RUP um dos projetos de desenvolvimento comunitário mais ambiciosos da História?

E as RUP são territórios remotos ou são territórios rurais?

Diria que as RUP são um projeto ambicioso, mas necessário para o desenvolvimento comunitário do seu meio rural.

Os territórios rurais insulares carecem de juventude para garantir a renovação geracional e de ações concretas que contribuam para tornar e manter as comunidades locais atrativas e unidas. A união de esforços é uma força coletiva que supera qualquer obstáculo e as oportunidades surgem quando se criam condições e serviços básicos que permitam às pessoas permanecer e/ou regressar, exercendo assim o seu “direito de ficar” e facilitem a criação de soluções bem-sucedidas, sustentáveis e resilientes na própria comunidade.

Os tempos atuais levam-nos a rever os ativos comunitários existentes nas localidades e que integram o potencial para criar valor, através da rentabilização de edifícios, terrenos, serviços, contribuindo para a comunidade ajudar-se a si própria, reduzindo a dependência de financiamento público e a fadiga dos voluntários.

A cooperação sistémica e proativa entre as



RUP, focada em compromisso, equidade, responsabilidade e inclusão, merece ser reforçada mantendo a ligação entre as partes apesar da distância física. A incerteza dos tempos atuais impõe um “reality check”, um confronto com a realidade que requer avaliação, definição estratégica, direção com propósito e coerência na complexidade, agindo com os recursos disponíveis enquanto lutamos por aqueles em falta. Para tanto, são necessárias medidas efetivas porque “falar não coze o arroz” (provérbio chinês) e a comunicação clara e coerente, apesar de essencial, não viabiliza a ação de forma automática. A ação exige motivação, aptidão e incentivo, num equilíbrio entre consistência e adaptação local, através de simplificação de procedimentos e criação de comunidades de prática (Practice Communities) para partilha de conhecimentos, desenvolvimento de abordagens flexíveis e boas práticas.

De forma retrospectiva, perspetiva e introspectiva, a Abordagem LEADER, assente no desenvolvimento local de base comunitária, revela uma capacidade de aprender com o passado priorizando a adaptação contínua, de antecipar o futuro de forma proativa reconhecendo os desafios e de criar uma visão partilhada.

A Abordagem LEADER permite combinar direção, foco e obtenção de resultados com experimentação, aprendizagem e reorientação, em proximidade com as comunidades que pretende apoiar.

O LEADER é como uma “rolling stone”, que acumula conhecimento e experiência. Através de pequenos passos e ao longo de 34 anos este programa tem concretizado mudanças efetivas com impacto local que reforçam o sentido comunitário, pelo que importa valorizar e otimizar os meios e recursos que permitam continuar a criar emprego, disponibilizar serviços básicos e infraestruturas de proximidade e partilhar conhecimentos e soluções criativas, contribuindo para a eficiência e resiliência das comunidades locais.

# ESPAÇO ASSOCIADO

## VINTE ANOS DEPOIS Núcleo de Criadores mantém defesa da carne terceirense

Criado em 2005 para promover uma atividade então vista como secundária, o Núcleo de Criadores de Bovinos de Raças de Carne da Ilha Terceira acompanha hoje um setor em expansão.

O Núcleo de Criadores de Bovinos de Raças de Carne da Ilha Terceira foi criado em abril de 2005, por 12 sócios fundadores, numa altura em que a bovinicultura de carne era ainda encarada na Região como apenas um complemento à produção de leite. “O setor da carne não estava a ter a defesa e promoção merecidas, por parte das associações existentes”, relata o presidente, Paulo Rico.

Foi nesse contexto que o núcleo avançou, assumindo como missão a defesa dos interesses económicos e profissionais dos associados, “atuando para isso junto de órgãos da administração local e de outros organismos oficiais, e de entidades privadas, das quais destacamos a Federação Agrícola dos Açores e o CERCA (Centro de Estratégia Regional para a Carne dos Açores), das quais somos associados e estamos representados nos órgãos sociais”, acrescenta.

Duas décadas depois, o cenário é distinto. O setor está em expansão e os preços sobem. Ainda assim, Paulo Rico prefere a cautela. “Não queremos fazer uma previsão, porque as coisas mudam rapidamente e um exemplo disso é que em 2023 o preço pago à produção não era metade do praticado em 2025. Neste momento, o preço pago ao produtor é justo porque a procura é superior à oferta. Mas é preciso perceber que se a oferta não está a ser suficiente, obrigando o país a importar, é porque a produção recentemente passou por grandes dificuldades, com o aumento do custo para produzir, consequência da pandemia COVID-19 e depois da guerra na Ucrânia”, explica.

A instabilidade não se limitou ao plano económico. Outro exem-



plo são os elevados prejuízos com que as explorações no continente foram confrontadas, com o aparecimento de doenças como a língua azul, que obrigaram ao abate dos animais, lembra Paulo Rico.

Mesmo assim, sejam quais forem as condições de mercado, a carne açoriana surge com vantagens competitivas. “A estratégia da União Europeia, ‘Do Prado ao Prato’ pretende que seja criado um sistema alimentar sustentável em que da produção ao consumo haja práticas que promovam a sustentabilidade ambiental. No que respeita à produção sustentável, os objetivos passam por reduzir o uso de pesticidas e de fertilizantes, e por promover o bem-estar animal. Ora, o maneio nas explorações extensivas da Região vai ao encontro destes

objetivos, uma vez que a alimentação do animal é na sua maioria da pastagem disponibilizada, havendo na fase de acabamento um recurso a concentrados, mas longe das quantidades utilizadas num regime intensivo”, exemplifica.

Nas políticas desenhadas pelo Governo Regional, Paulo Rico identifica avanços. “O contexto agrícola atual, definido por metas ambientais, elevados custos de produção e volatilidade do mercado, obriga à intervenção do Governo Regional. Foram tomadas várias medidas, uma delas e que tem de ser referida é o facto de não haver rateios nas ajudas do POSEI, algo que não aconteceu com outros Governos, e que assegura anualmente mais algum rendimento ao produtor”, destaca.



“Houve também uma resposta para minimizar os impactos de intempéries como a seca, da pandemia e da guerra na Ucrânia, e medidas para manter o elevado estatuto sanitário da Região, assegurando o bem-estar animal e a saúde pública. Portugal continental foi afetado por diversas doenças nos bovinos, e a nossa Região não foi afetada devido a algumas das medidas tomadas”, prossegue. Ainda assim, lamenta fragilidades como o atraso no pagamento de alguns apoios regionais, tanto a produtores como a associações, “o que cria um ambiente de insegurança e incerteza”.

“O atual método de comparticipação e o atraso nos pagamentos não ajudam a definir o plano de atividades para cada ano, e a liquidação de despesas inadiáveis é muitas vezes realizada com recurso a crédito”, vinca.

No percurso está também uma parceria com a GRATER, através da qual foi possível adquirir o suporte informático para a elaboração de vídeos, onde são abordadas várias temáticas relacionadas com a produção de carne e nos quais se promove a atividade da associação e também dos seus associados.

Vinte anos depois, entre o potencial do setor e a incerteza do que os mercados trarão no futuro, o Núcleo de Criadores de Raças de Carne da Ilha Terceira continua a sua missão.



# ENTREVISTA

PAULA SOUSA, PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA GRATER

## “Os agentes locais são fundamentais para o desenvolvimento”



Paula Sousa aborda os receios de cortes nos fundos comunitários, numa União Europeia agora focada na Segurança e Defesa. Defende o papel de associações como a GRATER e explora potenciais novos projetos, um deles em cooperação com Madeira, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe.

### 30 anos de GRATER

“Gerir fundos comunitários é desafiante. Há que agregar necessidades, vontades e analisar prioridades. É esse o princípio basilar do LEADER, auscultar, preparar e executar. Em 30 anos de existência foram apoiados 765 projetos, criados 280 postos de trabalho e mais de 28 milhões de euros de apoios atribuídos ao investimento. É um processo que está em constante evolução”.

Quais são os principais desafios que identifica para a ação da GRATER nos próximos dois anos? Existe algum receio de cortes nos fundos comunitários,

numa altura em que a União Europeia concentra atenções no setor da Defesa?

Esta é uma questão muito pertinente e atual, para o novo quadro de programação que se avizinha. Os principais desafios prendem-se, exatamente, com a incerteza relativa ao futuro, nomeadamente ao financiamento comunitário para o período de transição entre programas e o que esta incerteza pode gerar. Por outro lado, receia-se atrasos na operacionalização de avisos e respetivos pagamentos, causando pressão entre os grupos de ação local e os potenciais promotores. Os agentes locais são fundamentais para o de-

envolvimento da economia local e promotores de investimento e de desenvolvimento; esta incerteza pode desencadear a sua desmotivação e, com isso, uma paragem ou mesmo retrocesso face ao trabalho que tem vindo a ser desenvolvido, causando fragilidades no tecido económico local. Por outro lado, existe o receio do aumento da carga administrativa para os GAL (Grupos de Ação Local), com um reforço de exigências de controlo, auditoria e reporte, sem o correspondente reforço de recursos financeiros e humanos por falta de financiamento. Não obstante, a necessidade de demonstrar impactos mensuráveis, através de indicadores como sejam o emprego, a inovação, a coesão territorial, é muito mais difícil fazê-lo em territórios envelhecidos e despovoados. Esta situação coloca pressão sobre estruturas pequenas, como é o caso da GRATER, cuja proximidade

ao território é uma mais-valia reconhecida por todos. Relativamente à segunda parte da sua questão, seria imprudente não afirmarmos que sim. Existe um receio fundado, pelas atuais prioridades da União Europeia em matéria de defesa e segurança, face ao atual panorama geopolítico, de se efetivarem cortes nos fundos comunitários relativos ao desenvolvimento rural, nomeadamente aos destinados ao Desenvolvimento Local, embora ainda não se trate de uma decisão consumada. É evidente que no plano europeu observa-se uma mudança clara de prioridades políticas. O enfoque está centralizado na defesa e segurança, nas indústrias estratégicas e na energia, por forma a salvaguardar a autonomia europeia. Este paradigma causa uma pressão crescente sobre o orçamento comunitário pós-2027, sem que haja um aumento proporcional das contribuições dos



Estados-Membros. Nestes contextos, os fundos tradicionalmente associados à coesão territorial e ao desenvolvimento rural (PAC – 2.º Pilar, LEADER/DLBC) podem ser vistos como mais vulneráveis. O Desenvolvimento Local de Base Comunitária (DLBC), na sua génese e plano de atuação, é amplamente reconhecido como uma das abordagens mais eficazes e custo-eficientes para territórios rurais. A coesão territorial continua a ser um princípio fundador da União Europeia, com forte apoio de muitos Estados-Membros, incluindo Portugal. Por outro lado, o despovoamento rural, a segurança alimentar e a resiliência territorial são hoje entendidas como questões estratégicas, inclusive do ponto de vista de segurança europeia.

#### Que diagnóstico faz do trabalho desenvolvido até ao momento?

A GRATER fez precisamente no ano que terminou 30 anos de atividade. Ao longo deste percurso foram muitos os desafios e dificuldades ultrapassadas. Foram muitas as instituições e pessoas envolvidas nos órgãos sociais que, mediante um corpo técnico estável e dedicado, deram o melhor para que os fundamentos do LEADER fossem aplicados em prol do desenvolvimento de todo o território de intervenção da GRATER. Gerir fundos comunitários é desafiante. Há que agregar necessidades, vontades e analisar prioridades. É esse o princípio basilar do LEADER, auscultar, preparar e executar. Em 30 anos de existência foram apoiados 765 projetos, criados 280 postos de trabalho e mais de 28 milhões de euros de apoios atribuídos ao investimento. É um processo que está em constante evolução, pois, como é evidente, as necessidades de hoje não são idênticas às que foram diagnosticadas nos anos passados. É com grande orgulho que atingimos uma taxa de compromisso do PRORURAL+ de 97,71% e uma taxa de execução de 93,86% e de realização de 96,05%. Estes valores resultam de um grande trabalho de proximidade e confiança entre todos os agentes envolvidos. Esta é a garantia para o sucesso do desenvolvimento dos nossos territórios e da nossa identidade, que se quer marcante e única. Podemos dar nota pública que, do valor relativo aos dois últimos avisos, que foi de 8 271 921,72€, as autarquias, associações de bombeiros e ou-



tras entidades sem fins lucrativos do setor da cultura foram muito relevantes para a sua total execução. As juntas de freguesia, próximas dos seus fregueses e com a noção atenta das suas carências, foram exímias na execução dos seus projetos. Neste momento é com satisfação que podemos afirmar que, graças a estes investimentos, as suas valências estão, seguramente, melhor apetrechadas para melhor executarem os seus planos de trabalho e melhorarem as expectativas e qualidade de vida das suas populações.

#### Quais considera serem as prioridades para o futuro?

As prioridades prendem-se com a gestão das medidas LEADER do PEPAC Açores e do MAR2030, bem como a monitorização e acompanhamento das candidaturas aprovadas ao abrigo do PRORURAL+ e MAR 2020. Apesar de ser seguramente a prioridade que norteia sempre a nossa intervenção, temos como grande prioridade possibilitar e promover, cada vez mais, a integração e envolvimento do maior número possível de entidades associadas

da GRATER, em todas as suas iniciativas.

#### O que se pode esperar em termos de novas iniciativas?

A GRATER pretende abraçar outras iniciativas. Cada vez mais o trabalho cooperativo e em rede é fundamental e deverá ser encarado como um método necessário ao crescimento e evolução territorial. Pretendemos, também, analisar outros programas, tais como Erasmus e o Horizon Europe, na procura de iniciativas que possam ser desenvolvidas com os nossos associados em prol do desenvolvimento do nosso território. Em termos de continuidade, é importante reforçar que a GRATER participou e continuará na coorganização da Expo Atlantic Terroir, cuja I Edição decorreu em abril de 2025. Um projeto intermunicipal que visa a promoção vitivinícola da Região Autónoma dos Açores e, em particular, da Ilha Terceira, onde a participação da GRATER marcou, de forma diferenciada, o contacto e articulação entre os diferentes agentes promotores do evento nas suas múltiplas vertentes.

#### De que forma espera fortalecer as parcerias da GRATER, a vários níveis?

Gostariamos de desmistificar a ideia da GRATER ser apenas um Organismo Intermédio de Gestão e alargarmos o nosso plano de ação, reforçando o papel de facilitadora de estratégias territoriais integradas. Pretendemos participar ativamente em redes nacionais e europeias de Grupos de Ação Local, contribuindo para a defesa política do Desenvolvimento Local de Base Comunitária. A GRATER foi o GAL impulsor de uma candidatura ao INTERREG MAC, intitulada "Inovação Aberta para a Diferenciação do Ecosistema Agroalimentar dos Açores, Madeira, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe". É com grande expectativa que esperamos que esta candidatura seja aprovada, uma vez que tem uma parceria bastante alargada e diversificada, num ramo que tem tudo para crescer. A partilha de informação, conhecimentos e contactos com realidades diferenciadas é determinante para o crescimento de todos.



PRÓTEAS PARTEM DA FREGUESIA RUMO À HOLANDA

## Das Cinco Ribeiras para o mundo

Das Cinco Ribeiras podem sair, todos os anos, perto de 200 mil flores com destino ao mercado holandês. A história começou há mais de 20 anos, quando Arline Avelar e o marido ainda eram namorados. “Ele viu uma reportagem sobre próteas, no Pico... Na altura a minha mãe também me sugeriu que apostasse num negócio de floricultura, mas o mercado já estava muito cheio. Apostámos nisto, começámos devagarinho e foi andando”, resume a empresária, no armazém, junto a uma máquina de processamento de flores que, garante, tornou tudo mais fácil.

Daquele equipamento, as próteas saem já sem folhagem e com os caules cortados no calibre adequado. Depois seguem para a FRUTER, cooperativa que assegura o apoio técnico e todo o circuito de comercialização.

Uma candidatura ao PRORURAL+, apresentada através da GRATER, permitiu adquirir a máquina de processamento e realizar pequenas obras. Foram instalados um motor no portão, um



leitor de acesso com código para reforço da segurança dos colaboradores, uma porta de batente corta-fogo e um termoacumulador de água quente.

Filha de um professor, que nos tempos livres também mantinha algumas vacas nos cerrados, Arline cresceu habituada ao campo. Diz achar “tudo engraçado” na plantação das próteas, que surgiram como uma escolha segura

por crescerem ao ar livre, sem necessidade de estufa. Quando começou, o clima também era diferente, recorda, e estava “melhor para elas”.

Além das alterações climáticas, a retirada progressiva de produtos fitossanitários é outra dificuldade. “Compreendemos que é por causa do ambiente, mas é cada vez mais complicado, porque nos exigem qualidade e

quantidade e, para isso, é preciso produtos. Torna-se muito difícil combater pragas e doenças, se não temos os produtos para atacar”, assinala.

Ainda assim, mantém-se a vantagem inicial: trata-se de um produto de exportação. “Tudo que for para ser vendido só aqui, é muito difícil... Neste caso, acaba-se por vender sempre, porque o mundo é enorme”.



COM PROJETO FINANCIADO A 100%

## Bombeiros da Graciosa avançam na tecnologia, segurança e socorro

Sistemas de comunicações e segurança, infraestrutura de TI e cibersegurança, equipamentos de informática, recursos de proteção civil e apoio social, além de dispositivos para intervenções em cenários de catástrofe, integraram um projeto abrangente que a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários da Ilha Graciosa concretizou através de uma candidatura desenvolvida através da estratégia da GRATER.

Fundos do FEADER através do programa para o desenvolvimento rural dos Açores PRORURAL+ permitiram um financiamento de 100% da verba candidatada, que totalizou 55.839,03 euros.

O título do projeto era claro: “Associação Humanitária dos Bom-

beiros Voluntários da Ilha Graciosa + Capacitada, População Salvaguardada”.

Tiago Correia, presidente da associação, confirma que os equipamentos e sistemas de comunicação e segurança reforçam o apoio prestado à comunidade local, garantindo operações com um suporte mais sólido.

Um eixo decisivo é a resposta em situações de emergência. “São equipamentos no âmbito do socorro à população: vários monitores de sinais vitais para as ambulâncias, coletes de extração, macas de vácuo, tudo aquilo que envolve socorrer pessoas em vários contextos”, afirma. No plano do apoio à população, foram ainda adquiridas canadianas e cadei-



ras de rodas.

Na área da comunicação, o avanço foi significativo, com a aquisição do sistema Starlink. “Podemos estar em qualquer ponto da nossa ilha, na nossa unidade de comando de transmissões, e termos acesso à internet”, destaca.

A colaboração com a GRATER, assegura Tiago Correia, foi “muito importante”, permitindo avançar com um projeto que, de outro

modo, poderia não ter sido concretizado num espaço de tempo tão curto.

O objetivo está cumprido: dar a melhor resposta à população e a quem visita a ilha, mas também oferecer segurança aos próprios bombeiros. “Os equipamentos que hoje eles têm são de última geração, o que lhes dá outro tipo de garantias para poderem socorrer bem a população”, sublinha.



# NOTÍCIAS

SEGUNDO ESTUDO DA REVISTA "NATURE ENERGY"

## Energia solar em telhados tem potencial para alimentar quase metade da Europa



Sistemas fotovoltaicos instalados nos edifícios europeus poderiam fornecer cerca de 40% da eletricidade necessária num cenário de emissões zero em 2050.

A energia solar instalada em telhados pode ser importante no futuro energético da União Europeia. Um estudo publicado na revista "Nature Energy", conclui que sistemas fotovoltaicos instalados nos edifícios europeus po-

deriam fornecer cerca de 40% da eletricidade necessária num cenário de emissões zero em 2050. O trabalho estima que os telhados dos 271 milhões de edifícios existentes na UE têm capacidade para acolher 2,3 terawatts pico

(TWp) de potência fotovoltaica, capazes de gerar anualmente cerca de 2.750 terawatt-hora (TWh) de eletricidade com a tecnologia atual. Os autores destacam a oportunidade para reduzir a dependência de combustíveis fósseis. Esta análise baseou-se em estimativas detalhadas por edifício à escala europeia, combinando um modelo atualizado do parque edificado com dados administrativos nacionais.

O trabalho incorpora ainda os avanços recentes na tecnologia solar, cuja eficiência de conversão aumentou de 18% em 2018 para 22% em 2025, e destaca o potencial acrescido dos telhados planos de grandes edifícios comerciais. A equipa recorreu ao European Digital Building Stock Model (DBSM R2025), um conjunto de dados geoespaciais de alta resolução que cobre todos os edifícios da UE.

DESTINADO ÀS REGIÕES, AOS ÓRGÃOS DE PODER LOCAL E ÀS COMUNIDADES

## UE lança novo portal para acelerar adaptação às alterações climáticas

A Missão da UE (União Europeia) para a Adaptação às Alterações Climáticas lançou um novo portal que reúne informações e instrumentos práticos destinados às regiões, aos órgãos de poder local e às comunidades.

Segundo a Comissão Europeia, o objetivo é apoiar a abordagem

dos riscos climáticos e o desenvolvimento de estratégias de adaptação, incluindo através de soluções inovadoras.

"O portal foi concebido para apoiar a transição da Europa para um futuro resiliente às alterações climáticas, oferecendo orientações, dados e inspiração para o planeamento da adapta-

ção", avança a Comissão Europeia.

A plataforma reúne os projetos da missão, apresentando resultados concretos e soluções práticas para a adaptação às alterações climáticas, além de notícias e uma newsletter.

"Ao divulgar conhecimentos, dados e oportunidades de colabora-

ção, o novo Portal da Missão torna-se uma plataforma essencial para os decisores, os profissionais e as partes interessadas acelerarem os esforços de adaptação às alterações climáticas na Europa", reitera a Comissão.

O portal pode ser explorado em "mission-adaptation-portal.ec.europa.eu".



# NOTÍCIAS

**DEDICADO AOS PRODUTOS PRODUZIDOS NO ARQUIPÉLAGO COM O SELO MARCA AÇORES**

## Portal divulga queijos dos Açores

O Governo Regional apresentou o novo Portal dos Queijos dos Açores, descrito como a mais recente montra digital dedicada aos queijos produzidos no arquipélago com o selo Marca Açores.

A plataforma, disponível em “<https://agricultura.azores.gov.pt/queijos>”, foi criada, segundo o executivo, “com o objetivo de valorizar a produção regional, dar maior visibilidade aos produtores e reforçar o conhecimento sobre as características e valores nutricionais destes produtos”.

O portal reúne cerca de 70 queijos açorianos, abrangendo desde frescos a curados, de pasta mole a queijos de barrar. Cada referência inclui descrições detalhadas e informação sobre os locais onde

pode ser adquirida, facilitando a pesquisa por parte dos consumidores.

A plataforma integra também uma área dedicada aos produtores, com dados sobre as unidades de fabrico, fotografias, vídeos e contactos, reforçando a ligação direta entre empresas e público.

Lançado a 20 de janeiro, Dia Mundial do Queijo, o projeto foi apresentado pelo secretário regional da Agricultura, que sublinhou que “o queijo açoriano é mais do que um alimento, é identidade, é economia, é sustentabilidade”.

Entre 2015 e 2025, a produção total de queijo no arquipélago aumentou de 27,4 mil para 34,6 mil toneladas, o que representa um crescimento de 26%.



## CURIOSIDADES do mundo rural Os Bailinhos

Com o passar dos tempos, os bailinhos afirmaram-se como uma das mais expressivas manifestações do Carnaval da ilha Terceira. Herdados das antigas danças de entrudo, distinguem-se pela substituição da espada ou do pandeiro

por uma pequena batuta enfeitada com fitas coloridas.

Como descreve Augusto Gomes na obra “A Alma da Nossa Gente”, os bailinhos “algumas vezes apresentam-se com uma estrutura coreográfica muito semelhante às danças, isto é, com duas alas de bailarinos e os figurantes da teia teatral alinhados ao fundo; outras vezes são os próprios figurantes e tocadores que servem de bailarinos ocupando as duas alas, e não raras vezes, os tocadores também intervêm em curtas interpretações”.

O autor sublinha ainda a diferença temática: “Ao contrário das danças que, para além do cómico, abordam temas históricos, religiosos e sócio-económicos, os bailinhos versam sempre temas brejeiros, explorando de preferência o burlesco”.

A evolução do Carnaval terceirense trouxe cruzamentos e reinvenções, mas permanece intacta a diversidade que o caracteriza. Seja qual for a preferência, danças de espada, danças de pandeiro, bailinhos ou comédias, a festa está aí à porta.

